



Contracultura: A Revolução dos Anos 60 que Transformou a Mídia¹

Andrezza VIEIRA²
Maurício CALEIRO³

RESUMO

O presente artigo foca a Contracultura dos anos 60 como movimento profundamente ligado à mídia, exercendo fundamental papel para a sua difusão. Trata-se, também, da análise de teorias de Michel Foucault e da influência de Herbert Marcuse na revolução, que contribuiu com o surgimento da indústria cultural, fenômeno ainda vigente nos dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE

Contracultura; Mídia; Indústria cultural; Marcuse; Foucault.

APRESENTAÇÃO

Há quem diga que os anos 60 foi uma época em que houve uma enorme explosão de bandas que marcaram a história da música. E tal afirmativa não deixa de ser comprovada através, por exemplo, da ascensão de grupos como The Beatles e The Rolling Stones. Porém, ao analisar os grandes acontecimentos da década em questão, é altamente relevante levar em conta a dimensão dos fatos que ocorreram e estão por trás da música, e que até mesmo vão além dela. Nessa época chegou ao auge um dos movimentos sociais mais revolucionários já acontecidos, que teve como adeptos camadas de jovens de todo o mundo. Eles buscavam a liberdade que não estava presente nos modos de pensar e agir conservadores da cultura dominante da sociedade em que viviam. Trata-se uma contestação social, uma mobilização de massas, uma cultura alternativa profundamente disposta a mudar conceitos de valores e da consciência. Era a Contracultura ganhando seguidores rebeldes e rompendo com o tradicional.

Ao somar tais fatos com a expansão dos meios de comunicação na década de 1960, observa-se claramente a influência destes na repercussão da mentalidade libertária da Contracultura. Será analisado o papel da globalização, que está diretamente ligada à mídia e aos meios de comunicação em massa, especialmente na aproximação de jovens

¹ Trabalho apresentado no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante do 7º período do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV. Email: andrezza.vieira@ufv.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense. Email: mauricio.caleiro@ufv.br.



de diferentes partes do mundo, principalmente dos Estados Unidos, além de fenômeno disseminador de uma cultura e difusor de valores, comportamentos e modos de pensar. Pela "primeira vez, os sentimentos de rebeldia, insatisfação e busca, que caracterizam o processo de transição para a maturidade, encontram ressonância nos meios de comunicação" (Carvalho, 2002, p. 7).

Assim sendo, a realidade revolucionária da década de 60 pode ser relacionada com a dos dias de hoje. Basta analisar as razões que impulsionaram – ou impulsionam – os jovens a se rebelarem e as formas de se expressarem. A ascensão das redes sociais faz delas o principal e mais comum meio pelo qual a nova geração se manifesta, impõe-se e protesta.

RAÍZES DA REVOLUÇÃO

Terminada a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos beneficiaram-se da frágil situação econômica de diversas nações no período que precedeu a Contracultura, tornando-se líder no mercado com o seu capitalismo monopolista, podendo assistir ao dólar tornar-se a principal moeda no comércio de todo o mundo (PIMENTA, 2010). A alienação do trabalho é resultado dessa realidade, que contribui com o consumo massificado e o predomínio da indústria cultural. A sociedade, então, passava a ser alvo da propaganda midiática, cujo objetivo era fazer com que o público não apenas estadunidense vivesse o sonho americano. A modernidade voltava a ganhar espaço nos Estados Unidos, já que a sua liderança econômica havia sido recuperada, de forma que:

[...] A sociedade americana aprovasse a política de dominação frente às outras nações, respaldada pelas conquistas econômicas obtidas pelo país desde o final da Segunda Guerra Mundial. O que possibilitava o apoio da sociedade americana para a política gerencial e violenta dos governantes da América era a segurança propagada pelos meios de comunicação que não tardavam em “vender” o sonho americano para todos os cantos do país e do mundo. (Marcelo Pimenta e Silva, 2010, p. 04).

Protestos contra a Guerra do Vietnã e a luta pelos direitos civis contribuíram para que houvesse uma revisão ética a respeito do governo e da sociedade. Foi, então, da contestação dos padrões políticos vigentes daquela época que os jovens, muitos deles interessados por poesia, pintura, música história e literatura, passaram a impor seus ideais através da cultura. Criativos e reacionários, apaixonados pela arte e amantes do



“viver o aqui e o agora”, os *beatnicks* influenciaram fortemente o que viria a ser conhecido, anos depois, de Contracultura dos anos 60.

A década de 50 não foi “revivida” na de 60, mas sofreu influência dela pelos meios de comunicação como a televisão, que aproximadamente dez anos depois do surgimento dos *beatnicks*, já estava nos lares norte-americanos, e também pelas crianças que cresceram no país rejeitando o contexto político e social da época.

SEXO, DROGAS, ROCK’N ROLL... E MÍDIA

A influência dos meios de comunicação em massa e da mídia nos anos 60 é clara: estava estampada em periódicos, em programas de TV e em rádios. O movimento hippie, um dos principais ícones originados da Contracultura, teve seus seguidores rotulados pela própria mídia como indivíduos que levavam uma vida de “sexo, drogas e rock’n roll”. Esse último foi, senão o mais influente, um dos ritmos musicais que mais marcaram a época. Atingiram o seu auge bandas e cantores que até hoje são exaltadas, como Pink Floyd, The Beatles, The Rolling Stones e Janis Joplin.

Muitas personalidades, como integrantes de bandas, fizeram do consumo de drogas alucinógenas, a exemplo do LSD e do êxtase. Faziam apologia às substâncias lisérgicas em suas músicas tanto no que diz respeito ao ritmo exótico que lembrasse, por exemplo, aos efeitos do uso do LSD, quanto nas letras, que possuíam mensagens subliminares. Quanto aos artistas, eles:

Tiveram inúmeros problemas com os excessos e experimentações – bandeiras necessárias para a libertação individual, conforme o espírito da época - o que culminaria em mortes acidentais por overdose; casos de dependência de drogas; problemas com a polícia, e a própria decadência e dissolução das carreiras artísticas. (Marcelo Pimenta e Silva, 2010, p. 09).

Então, a mídia, com o seu papel de influenciadora da sociedade e formadora de opiniões, voltou-se intensamente à crítica do já gigantesco fenômeno contracultural. O sensacionalismo midiático passou a julgar as atitudes dos “líderes” do movimento, transmitindo à sociedade uma imagem negativa e o papel subversivo e “perigoso” que ele exercia diante dos jovens. Em outras palavras, eram os veículos de informação divulgando que aquele era o “preço” de um protesto exagerado e com ideais utópicos. Nascia-se uma visão altamente obscura e negativa das drogas, já que “se antes, o culto



às drogas era praticado em segmentos restritos da população e lido e legitimado como hábito cultural, agora tem alcance global e faz parte das pautas e dos programas da mídia impressa e eletrônica” (Carvalho, 2002, p. 10).

Outro exemplo do poder da mídia foi a proibição da execução da música *A day in life*, do grupo The Beatles, na BBC londrina. Isso aconteceu pelo fato de a sua letra ter sido interpretada como uma mensagem subliminar relativa às drogas alucinógenas. Evento semelhante se sucedeu com a canção, da mesma banda, *Lucy in the Sky with diamonds*, cujas iniciais da música foram entendidas como apologia ao LSD. De fato, os efeitos sonoros psicodélicos e inovadores que misturavam ritmos nada convencionais de instrumentos exóticos eram uma marca da banda inglesa.

A manipulação midiática e o preconceito também estiveram presentes no movimento punk a partir da morte de Sid Vicious, ex-baixista da banda Sex Pistols. Porém, em 1991, com a ascensão do grupo Nirvana, os EUA passaram a tolerar a veiculação do punk em veículos comunicacionais. No entanto, inúmeros estereótipos foram criados, como no caso da MTV, que rotulou o referido estilo musical de “grunge⁴” (Marcelo Pimenta e Silva, 2010, p. 09).

Toda a cultura do estilo que envolvia música, arte, literatura e até mesmo jornalismo alternativo com a produção de fanzines, foi relegada à produção marginal (Marcelo Pimenta e Silva, 2010, p. 09).

Houve uma reação mais ostensiva contra o movimento quando festivais como o de Woodstock⁵ começaram a fazer sucesso, atraindo uma grandiosa quantidade de pessoas. Com um público majoritariamente jovem, estes festivais discutiam assuntos pertinentes e variados, através de óticas nada convencionais, quando comparadas ao padrão social, econômico e político da época. Novos ideais e ângulos de enxergar a realidade eram abordados, a arte era reverenciada e a música, sentida no profundo íntimo das pessoas que ali estavam à procura de liberdade individual e descobrimento do mundo interior e exterior. A repercussão deste fenômeno em ascensão esteve presente no conservadorismo político, da indústria do entretenimento e principalmente midiático. Esse último passou a publicar, no final dos anos 60, inúmeros artigos anti-Woodstock (SCHOTT, Ricardo, 2005, p. 73).

⁴Subgênero do rock alternativo, surgido nos anos 80. Com letras de canções caracterizadas por alto nível de sarcasmo e melancolia, o estilo musical aborda criticamente temas como vontade de liberdade e alienação da sociedade.

⁵Festival musical, que aconteceu em 1969 nos Estados Unidos e reuniu mais de meio milhão de pessoas para celebrar a paz, a música e a arte.



Um dos nomes que marcaram a intermediação midiática relacionada à expansão das drogas na década de 60 foi Timothy Leary, influente incentivador do uso terapêutico do LSD e seguidor do descobridor desse ácido, o químico suíço Albert Hoffman. Ele afirmava que o LSD era um instrumento que, se utilizado corretamente, poderia transformar o usuário naquilo que ele realmente deveria ser. Leary, por sua vez, queria fazer daquelas substâncias algo que representasse liberdade, moda, inovação. Desejava criar uma “cultura das drogas”, uma “aura de ilegalidade e perigo” (CARVALHO, 2002). O que ele fez, então, foi divulgar e vender seu produto por meio da mídia através de um discurso incentivador do uso da substância em terapias. Eis aí a primeira vez que os meios de comunicação, já em notável ascensão, foram utilizados num plano estratégico de disseminação do consumo de alucinógenos (PIMENTA, 2010).

Vale também lembrar que em 1965, o governo norte-americano passou a interditar pesquisas científicas que envolviam o LSD, o que colaborou com a ilegalidade no comércio e no uso independentemente da sua finalidade – seja terapêutico, científico ou para lazer. No final da década, a substância, considerada uma das mais fortes até hoje descobertas, saiu dos laboratórios, deixou a questão da legalidade do lado e chegou às ruas, de onde nunca mais saiu (*Dentro do LSD*, 2009).

As drogas alucinógenas eram vistas, além de utilizadas, por muitos como um meio de buscar a liberdade através da “abertura” de portas para a percepção. Os efeitos da substância propiciam que durante a “viagem”⁶, o indivíduo tenha um nível intelectual mais elevado, além de enxergar as coisas com mais vivacidade numa condição psicodélica. Tal fato facilitava, para eles, lidar com as situações do cotidiano, tendo uma visão diferente da mais óbvia, criando novas óticas e percepções da vida, com mais segurança. Era como “olhar de novo para si mesmo e para o universo, e numa decisão de modificar abruptamente a maneira de encarar os velhos problemas” (COHEN, p. 188, 1964) porque “o segredo real para compreender o sentido da vida está em seguir o traçado das ideias e dos pensamentos até à sua origem – não em segui-los para fora, nas suas implicações e desenvolvimentos” (COHEN, p. 157, 1964). Isso talvez explique a relação que é feita entre as drogas psicodélicas e à Contracultura dos anos 60, fato que também se deve à constante e insistente influência dela: a mídia.

REVOLUÇÃO SEXUAL: A BUSCA PELA VERDADE

⁶ Palavra utilizada pelo autor para se referir ao período em que o usuário da droga sofre os efeitos da substância.



Por trás de padrões impostos pelo sistema, como os do sexo após o casamento e das formas mais “comportadas” de se vestir e agir, estava uma natureza individual enclausurada, presa, que gritava sem que fosse ouvida e que só o íntimo do jovem podia sentir. Foi com o surgimento das pílulas anticoncepcionais que se iniciou, com intensa força jovem e afirmação da identidade, a revolução sexual. Com homens e, principalmente, mulheres, dispostos a terem uma vida sexual mais ativa e sem compromisso, começou-se a expandir uma ótica mais libertária sobre a homossexualidade, igualdade entre sexos e legalização do aborto.

Mulheres e homens aderiram a novas formas de se vestir, exibindo cada vez mais o corpo. Os rapazes, por exemplo, passaram usar cabelos mais longos, sandálias e bolsas. Foi, inclusive, nesse momento da história em que a minissaia, que transferia sensualidade a quem a vestia, virou febre nos Estados Unidos e, posteriormente, chegou às mais diversas partes do mundo. O comportamento feminino mais liberal foi além das novas tendências de vestuário: em busca da igualdade de direitos entre os sexos, mulheres protestavam em praça pública com atos que chocavam a sociedade tradicional, como queimando sutiãs (GIKOVATE, 2011).

O comportamento sexual em ascensão não foi acompanhado, de início, pela tolerância das autoridades nem pelos que seguiam à risca as leis, as doutrinas e os costumes vigentes no sistema. O universo homossexual da década de 60 era como uma peça de teatro: os atores – gays e lésbicas - encenavam e, uma vez atrás das cortinas, viviam seu mundo real. Admitir seguir uma orientação sexual diferente da ditada pelo sistema significava ser rejeitado e, sim, odiado pela sociedade em geral. Era comum que os homossexuais saiam à procura de cinemas, bares e boates de sexo, onde podiam conhecer outros gays e, enfim, viver um pouco da sua realidade sem serem punidos.

Em *Aconteceu em Woodstock*, Elliot Tiber⁷ declara que em Nova York, onde trabalhou como designer por algum tempo, havia ocasiões em que policiais vestiam trajes considerados símbolos gays, passando-se por eles, como uma forma de armadilha de “captura” de homossexuais. Quando pegos, estes eram levados a delegacias, presos por alguns dias e submetidos a maus tratos. Policiais também faziam “visitas” surpresas

⁷ Autor e, também, personagem principal do livro *Aconteceu em Woodstock*. A obra conta a história real, que se passa nos anos 60, de um *designer* homossexual e infeliz que conheceu a arte, venceu preconceitos e organizou o maior festival de arte e música de todos os tempos.



a bares gays e, quando aconteciam flagras, as consequências não eram diferentes das citadas acima.

O “x” de toda a questão pode ser explicado com a ideia de que “quando a sociedade detesta alguém devido a seu comportamento sexual, o sexo se torna um ato revolucionário e, para muitos, de ira” (TIBER, 2009, p. 110). Quanto aos paradigmas comportamentais da época, principalmente àqueles ligados à sexualidade, poderia a existência deles ser considerada uma forma de marchar contra a verdade? Segundo Foucault, o sexo se liga diretamente à procura do real, não se limitando ao prazer e à reprodução da espécie, mas também a dizer o que uma pessoa é em sua essência. Trata-se da verdade pessoal lida em profundidade, em detalhes e sem limitações.

Estudioso dos diversos mecanismos sociais ligados à discussão sobre o sexo, Foucault alega em *Não ao sexo rei*, que a miséria sexual é um fato que pode ser consequência, dentre outros fatores, do discurso “anti-sexo”. Durante muito tempo da história, “poder falar da sexualidade se podia muito bem, mas somente para proibi-la” (FOUCAULT, 1979, p. 86). Era a juventude vivendo justamente os dizeres de Foucault, desejando o proibido, ou melhor: almejando externar a sua realidade interior até então reprimida pelas unidades macro de poder e pela sociedade conservadora.

Os movimentos de “liberação sexual” devem ser compreendidos como movimentos de afirmação “a partir” da sexualidade. Isto quer dizer duas coisas: são movimentos que partem da sexualidade, do dispositivo de sexualidade no interior do qual nós estamos presos, que fazem com que ele funcione até seu limite; mas, ao mesmo tempo, eles se deslocam em relação a ele, se livrem dele e o ultrapassam. (Michel Foucault, 1979, p. 88).

Interessante também é notar as alegações de Foucault acerca da ótica médica sobre a homossexualidade nos anos 60, considerada uma doença mental suscetível à cura “com análise freudiana, hipnoterapia e ‘tratamentos’ de eletrochoque” (TIBER, 2009). Os médicos afirmavam que este “distúrbio” psicológico podia ser controlado pela vontade própria do “portador”, que era tratado muitas vezes como libertino e seguidor de uma vida promíscua. Foucault cria uma fala que representa os homossexuais: “nós somos o que vocês dizem, por natureza, doença ou perversão, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que nós somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês.” (Michel Foucault, 2009, p. 88).

A CONTRACULTURA NA ÓTICA DE MARCUSE



Com influência direta no movimento da Contracultura, Herbert Marcuse apresenta tendências ideológicas divergentes das que definiram a Escola de Frankfurt, apesar de ele ter sido um dos fundadores desta. A essência contracultural marcuseana se deu ao criticar veementemente a racionalidade técnica vigente na sociedade materialista e ao criar o chamado “homem unidimensional”. Para ele, a sociedade necessitava de uma reorganização, uma revolução que seria realizada apenas através da liberdade. A crítica à racionalidade técnica é explicada pela “coisificação” do homem, ou seja,

A instrumentalidade das coisas tornava-se a instrumentalidade dos indivíduos. Em outras palavras, o ser humano era visto como uma coisa, como um instrumento, e não como um indivíduo. Ao invés do homem dominar a máquina e tecnologia, como previa a utopia iluminista, era o homem que estava sendo dominado pela máquina e pela tecnologia. (DANTON, 2010)⁸.

No tocante ao homem unidimensional, Marcuse o explica como o indivíduo que não leva em conta a essência das coisas, mas a sua aparência apenas. É o homem que não faz uso da visão crítica, que consome de forma ininteligível e é conformista. “Ele se acha feliz porque a mídia lhe diz que ele é feliz e, quando se sente triste, vai ao shopping fazer compras” (DANTON, 2010).

Muito embora o movimento contracultural tenha sido apresentado por muitos estudos sob uma ótica preconceituosa, pois o julgavam como um fenômeno cujos objetivos nunca seriam alcançados e as manifestações contrárias ao conservadorismo político, econômico e social vigente eram tratadas como utopia, Marcuse cria uma nova definição para esta palavra. Segundo ele, “utopia” é a liberdade numa sociedade reorganizada de forma mais racional, com modos de pensar e agir que fazem sentido e condizem com as novas tendências liberais.

Com essa corrente ideológica, intrínseca na realização de revoluções e movimentos sociais, Marcuse ganhou seguidores e se tornou um dos mais relevantes filósofos da Contracultura. Ele apontava a violência como uma premissa para a libertação, “se dirigida contra as forças opressoras, ou reacionárias” (Marcelo Pimenta e Silva, 2010, p. 07). Um exemplo é a inspiração marcuseana nos jovens franceses no Maio de 89, governo de Gualle, quando foram travados confrontos entre forças de segurança de Paris e mais de 9 milhões de estudantes universitários, que exigiam a

⁸ Não há indicação de página porque a citação foi retirada de um portal eletrônico.



reforma do setor educacional do país. Segundo Kellner, a onda de protestos traçou “as linhas da dominação na cultura da mídia, mas foi menos sagaz para trazer à tona momentos de resistência e contestação” (KELLNER, 2001, p 61).

Havia, naquela época, um anseio de mudança no âmbito tanto político quanto socioeconômico. Tratava-se da “necessidade de interrogação radical do presente, sem prevenções, sem dogmatismos conceituais - principalmente lá onde tudo parece continuar como sempre foi.” (DUARTE, Cláudio R., 2006, 2007). Vale salientar que, no que diz respeito à política na Contracultura, tem-se o exemplo da imprensa alternativa¹ na Ditadura no Brasil e no capitalismo avançado dos EUA que, como numa atitude de adesão aos novos valores e consciência, “formava posicionamentos (...) capazes de construir uma cultura que abarcasse uma gama maior de símbolos presentes na sociedade: questões de gênero, étnicas e ambientais vindos à tona” (Marcelo Pimenta e Silva, 2010, p. 07). Foram feitos debates em praça pública sobre inúmeros temas que questionavam o sistema social e apresentavam propostas de “reconstrução” do mundo.

Foi seguindo os ideais marcuseanos relacionados à Contracultura que, nas décadas de 60 e 70, surgiram festivais como os de Monterrey, da Ilha de Wight e, histórica e mundialmente conhecido, o de Woodstock. Eles foram palcos de apresentações artísticas em geral, inclusive de espetáculos musicais, além de terem representado uma das maiores manifestações hippies de todos os tempos. Com a busca do profundo e verdadeiro conhecimento sobre si mesmo, percebe-se, também, o crescimento do interesse e as influências de práticas religiosas orientais. Muitos passaram a valorizar a meditação, o vegetarianismo e a cura através de plantas medicinais. Diz-se que esta era uma nova geração que seguia os três Ms: Mao, Marx e Marcuse.

INDÚSTRIA CULTURAL, E TAMBÉM GLOBAL

Primeiramente conhecido como “cultura de massa”, este termo foi substituído por “indústria cultural” por Adorno e Horkheimer, integrantes do *Institut für Sozialforschung*, mais conhecido como Escola de Frankfurt (o mesmo instituto freqüentado por Marcuse). No ano de 1947, em "Dialética do Iluminismo", definiram o indústria cultural como um sistema econômico e político moldado no capitalismo cujo objetivo é a produção e difusão de bens de cultura, como filmes, música, livros e peças de teatro visando o lucro. Na prática, isto é visto claramente, por exemplo, nas empresas



que dominam os meios de comunicação em massa, as quais usam destes para alienar os consumidores e venderem os seus produtos. Estes últimos, não deixam de difundir a cultura, mas contribuem principalmente para a lucratividade das companhias capitalistas. Eles são vistos, na ótica da indústria cultural, como qualquer bem de consumo comum: imaginemos o lançamento de um DVD de um filme norte-americano que faz apologia ao consumo de drogas. Na essência do fato, ele deixa de ser vendido como um propagador cultural, que desperta a reflexão e o espírito crítico dos consumidores para ser um simples produto lucrativo e manipulador da sociedade.

Na análise do movimento da Contracultura, percebe-se a presença ostensiva da indústria cultural. Esta buscou, das mais variadas formas, atrair os jovens para o universo tentador do consumismo. Com todo o clima da revolução psicodélica, a quebra de tabus, com o sexo e a droga e as novas tendências religiosas orientais, o sistema capitalista tentava cada vez mais seduzir aquela nova geração ao consumismo.

Toma-se como um exemplo o surgimento do movimento hippie, que se manifestava, entre outras formas, através da forma de se vestir. Com roupas rasgadas, com cores chamativas, saias longas semelhantes às indianas, eles faziam disto uma forma de ir contra o consumismo. Nota-se também que a música passou a ser um símbolo de manifestações, ícone de grupos específicos de pessoas, como os próprios hippies e punks e algo que passou a ser mercadejado pela indústria.

A ruptura que era valorizada por diversas manifestações, incluindo a própria roupa, constituiu uma nova moda. Portanto, todos os movimentos jovens a partir da geração hippie passaram a virar produto devido à articulação entre meios de comunicação e de produção, fazendo com que a rebeldia passasse a ser um ponto positivo como publicidade e rentável ao mercado. (Marcelo Pimenta e Silva, 2010, p. 10).

Um caso inclui o incentivador, influente e porta voz da juventude rebelde: Bob Dylan. A indústria cultural se fez ostensiva a ponto de procurar criar a imagem do cantor de “super-ídolo” musical. Com poemas e canções, Dylan externava sua contraposição à mídia, que insistia em rotulá-lo, elevá-lo, ou ainda mais: mercadejá-lo.

Inclusive a própria significação de Contracultura inclui alguns aspectos da indústria cultural. Silva afirma a existência de dois lados deste fenômeno, sendo um deles a contestação do sistema vigente na sociedade, que procura enfrentar as leis e máximas com o objetivo de romper a realidade repressora. O outro consiste num acontecimento histórico que “foi completamente ‘engolido’ pelo sistema, que com os



anos, transformou a contestação em moda” (SILVA, 2010, p. 5) - moda esta que a indústria cultural não deixou passar despercebida.

Prova-se, então, que a manipulação de massas não é realidade dos dias atuais, apenas. A indústria cultural penetrou no psicológico dos jovens com mensagens (ocultas ou não) estratégicas planejadas por ela mesma, já definindo ou prevendo as suas reações e alcançando o seu objetivo de subversão da consciência e padronização de ideias.

CLIQUE AQUI PARA SE REBELAR

Imaginemos duas situações: na primeira, uma jovem encontra-se na rua central de sua cidade. Ela não está sozinha: há centenas de pessoas com elas protestando. Há homens e mulheres que representam alguma minoria da sociedade conservadora. “Liberdade, liberdade!” gritam eles. Na segunda, há outra moça que, através de seu *smartphone* publica em seu Facebook algo parecido com: “Queremos os PMs fora do campus! Queremos liberdade!”.

Meio século separa uma ocasião da outra e, ainda assim, elas se fundem seja pelo sentimento de rebeldia dos jovens, que protestam contra a imposição de determinado elemento imposto pelo sistema, seja pelas palavras utilizadas por eles. A diferença é vista porque as motivações para se rebelar são outras, assim como os novos meios de fazê-lo: através das redes sociais. Chega-se o momento em que cidadãos comuns – em sua grande maioria, jovens – cobrem os seus próprios atos de insatisfação e rebeldia e os publicam em tempo real. “É uma onda de protestos que têm em comum os jovens como ponta do movimento, em que as novas mídias eletrônicas desempenham papel fundamental” (CAZES, COHEN e NETO, 2011, p. 4).

Grupos que não detêm a chance, por uma razão ou por outra, de se fazer presentes na esfera de visibilidade pública predominante, encontram na internet a oportunidade de dar o seu recado. A internet lhes oferece, então, um meio não apenas de comunicar com seus seguidores, como potencial para ir além do ‘gueto radical’ tanto direta (sem intermediários) quanto indiretamente, mediante influência sobre os meios de massa. (SILVA, 2010, apud Gomes, 2005, p.68).

Um caso ocorrido em março do ano de 2014 foi a criação via redes sociais da campanha de repercussão nacional "Eu não mereço ser estuprada", idealizada pela jornalista brasileira Nana Queiroz. A iniciativa surgiu a partir da divulgação Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que afirmava que 65% da população nacional



consideravam justificável a mulher ser vítima de estupro dependendo da forma de ela se vestir.

A campanha, que foi lançada pelo Facebook, mobilizou a milhares de brasileiros, levando a uma onda de protestos online denunciando a violência contra o sexo feminino e repugnando o machismo. Imediatamente, as redes sociais foram tomadas por fotos de mulheres despidas segurando um cartaz com os dizeres "Eu não mereço ser estuprada". O microblog Twitter e o Instagram aderiram às *hashtags*⁹ e novos perfis de usuários que pregam pelo feminismo e lutam pelos direitos da mulher. Entre os manifestantes, estava Dilma Rousseff, a Presidenta da República, que em seu Twitter, apoiou a iniciativa do movimento. Além das redes sociais, a repercussão do movimento chegou inclusive a veículos de informação não apenas brasileiros, mas também internacionais, como o sites BBC e o norte-americano "The Huffington Post".

CONCLUSÃO

Ao analisar a Contracultura e o papel da mídia em sua propagação, descobre-se a tamanha influência dos meios de comunicação na sociedade. Sem eles, o movimento em questão talvez não teria tido tamanha repercussão, tão menos conquistado os milhões de adeptos a ele. Ao passo que os elementos midiáticos propagavam idéias a favor da quebra de tabus, da mudança de comportamento e do fim do conservadorismo político, econômico e social, eles também contribuía para a difusão do contra-movimento, quando programas de TV e rádio passaram a denunciar a Contracultura como um fenômeno rebelde, o qual nunca conseguiria alcançar seus objetivos, além de subverter a mente dos jovens.

Obtém-se conhecimento, também, da influência de teóricos liberais como Marcuse. Ele contribuiu com o crescimento do movimento e ganhou inúmeros seguidores com seu anti-conservadorismo e defesa à revolução em prol da liberdade. Sua crítica ao sistema social vigente precedeu o momento de epifania nos jovens quanto a manipulação e “coisificação” da massa.

Junto à indústria cultural, que passou a fazer da cultura um bem que se vende e, principalmente, gera lucros, a Contracultura mostra-se um movimento composto, complexo e minucioso. Suas implicações vão desde a influência e expansão dos meios

⁹ Palavras-chave antecedidas pelo símbolo de jogo da velha (#) usadas como mecanismo de busca em redes sociais.



de comunicação em massa até as mais variadas formas de mudança – ou subversão - de maneiras de ver o mundo e o sistema que o rege.

Foi um movimento que tanto influenciou a mídia, mas que também foi criado por ela e que até hoje tem suas características alastradas pela sociedade. Isso é prova da tamanha dimensão da Contracultura como movimento inovador, contestador e manifestante no mundo não só dos anos 60, mas também claramente atuante na atualidade. São jovens que revivem a rebeldia daquela época protestando, externando os seus novos ideais, buscando modificar – ou até excluir- velhos. É a prova de que a contracultura ainda está viva e permeia o íntimo dos que protestam por seus direitos. Com novas ideologias, motivações e contextos históricos, os jovens hoje ganham não apenas ruas das mais diversas partes do mundo, mas também as redes sociais. É a nova Contracultura: via *livestream*.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Cesar. Contracultura, drogas e mídia. **Intercom**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP13_CARVALHO.pdf>. Acessado em 01/03/2014.

COHEN, Sydney. **A droga alucinante** – História do LSD. Tradutor: Dr. Ramiro da Fonseca. Editora Livros do Brasil, 1964.

DANTON, Gian. O filósofo da contracultura. **Digestivo Cultural**. Disponível em <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=747&titulo=O_filosof_o_da_contracultura>. Acessado em 01/03/2014.

DENTRO DO LSD (*Inside LSD*, Pamela Caragol Wells, EUA, 2009)

DUARTE, Cláudio R. **A recusa intempestiva** – Relendo Marcuse. São Paulo, 2006 e 2007.

FOUCAULT, Michel. Não ao sexo rei, In. **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Entrevista concedida a Bernard Henri-Lévy.



GIKOVATE, Flávio. **Revolução sexual. Somos todos um.** Disponível em <<http://www.stum.com.br/conteudo/conteudo.asp?id=5975>>. Acessado em 01/03/2014.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP. EDUSC, 2001.

LIMA, Marcus A. Assis. **Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil.** Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-marcus-assis-IMPRENSA-HOMOSSEXUAL-BRASIL.pdf>>. Acessado em 01/03/2014

PIMENTA E SILVA, Marcelo. A contracultura e a imprensa alternativa: revolução social através da informação. **Revista Contemporâneos.** Disponível em: <www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie8_contracultura.pdf>. Acessado em 01/03/2014.

SALATIEL, José. Crítica à sociedade de comunicação de massa. **UOL Educação.** Disponível em <<http://educacao.uol.com.br/filosofia/escola-de-frankfurt.jhtm>>. Acessado em 01/03/2014.

TIBER, Elliot. **Aconteceu em Woodstock** / Elliot Tiber com Tom Monte; tradução: Mariana Lopes. Rio de Janeiro, 2009.

WIGGERSHAUS, ROLF. **Escola de Frankfurt** - História, desenvolvimento teórico, significação política. Editora Difel, 2002.